

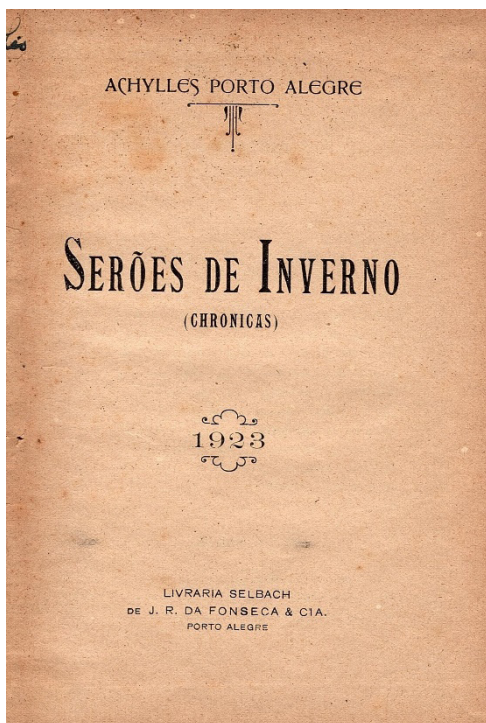
BUMBA MEU BOI EM PORTO ALEGRE

A proximidade da passagem de um quarto de século desde a data em que Porto Alegre foi elevada à condição de freguesia – o que definiu o aniversário da cidade – dará a oportunidade para apresentar diversas facetas de nossa capital. Ao longo destes seus duzentos e cinquenta anos, foram inúmeros registros feitos sobre os costumes, as práticas sociais e os programas culturais que, cada um em seu tempo, fizeram parte do cenário da cidade.

Alguns deles seguem ainda presentes, como o carnaval – derivado do entrudo português – ou os bailes e reuniões festivas. Outros, porém, mergulharam nas brumas do tempo, tornando-se tão esquecidos que soam hoje como inacreditável. É o caso do folguedo conhecido como “bumba-meu-boi”, que também foi trazido pelos imigrantes portugueses, mas que por nossas terras teve vida efêmera, tornando-se, no entanto, evento expressivo em outras regiões brasileiras.

Porém, é possível ver que em Porto Alegre tal festividade já foi relevante, como registra a crônica de Aquiles Porto Alegre, publicada em 1923, e que agora reproduzimos aqui.

Incluímos também a reprodução da belíssima obra do consagrado pintor José de Francesco (Rio Grande/RS, 1895 – Porto Alegre/RS, 1967), cuja vasta produção foi por muito tempo reverenciada nos meios artísticos nacionais.



O BUMBA MEU BOI

Eu já escrevi algures, que o progresso inata as coisas mais bellas do passado, e que a civilisação é má semeadora de mãos costumes e vícios.

As cidades; a que um bom fado protege, pela sua situação geographica ou outros motivos ao passo que augmentam, enriquecem, se embellezam, destróem grande parte de relíquias queridas ao nosso coração e que deviam conservar-se com toda a sua beleza e pureza primitiva.

Assim, das nossas praças desapareceram os chafarizes – alguns, verdadeiros trabalhos de arte e symbolismo, que nas suas figuras de mármore, graves e bem trabalhadas, como os do chafariz da praça da Matriz que representavam os rios que correm, com as suas torrentes, para as águas do Guahyba, mostrando assim a riquíssima hydrographia da nossa formosa “urbs”.

E como estes, outros que faziam parte da cidade, e pertenciam ao povo, porque para elle foram construídos – desapareceram... Para onde foi o seu material, que representaria hoje um valor importante?

Ninguém o sabe.

Mas não é por este prisma que eu encaro a questão.

É pelo lado tradicional – as cidades podem transformar-se, aperfeiçoar-se, modernisar-se – mas conservar as suas relíquias, o aspecto do seu passado.

Ainda agora estão derruindo a Cathedral, esmagando o coração de muita gente que está presa áquelle velho templo, ou por que alli contrahiui matrimonio, ou por que alli foi baptisado. Ou porque alli recebeu a primeira comunhão – para no seu logar levantar-se uma igreja alterosa, opulenta, que só servirá para attestar vaidade – que a nossa religião condemna!

É triste-isso, e o nosso protesto não ficará nestas linhas, por que vai ser assumpto de uma próxima chronica.

É quando vemos e meditamos sobre estas coisas dolorosas que volvemos às éras de então e vemos quanto, com a marcha do tempo tudo vae desaparecendo.

A clássica figura esqueletica da morte com a sua pavorosa fouce, é um erro secular e grosseiro. O tempo é que ceifa tudo: seres e coisas.

Assim desapareceram os “fogos do Espirito Santo”, a “missa do gallo”, os ternos de reis, o “bumba meu-boi”, etc.

É verdade que esta festa popular, era, pelo menos no tempo em que eu a conheci, promovida e levada a effeito pela

“arraia miúda”.

Mas nem por isso ou quiçá por isso mesmo o “Bumba meu boi” era menos concorrido ou deixava de ser bem recebido em toda parte.

Teve às vezes o seu lado hilariante e o “Bumba” passou não raro pelos difíceis “15 minutos de Rabellais”.

A este proposito vou relatar um episódio que acho digno de registro.

Todos os anos, no dia 2 de fevereiro, data memorável da batalha de Moron, em 1852, os amigos e admiradores do Conde de Porto Alegre, que foi o herói do dia, iam ao seu palacete levar-lhe felicitações.

Numa dessas ocasiões em que sempre corria champagne, com fartura, um alto funcionario público entrou nella com excesso, e, ao envez de “amarrar o gato”, como se diz neste caso, parece que o desamarrou, porque o “gato”, mettido na pelle dele, saiu para a rua e “pintou os canecos”.

É que elle, ao sair, encontrou o “Bumba meu boi”, cantando e dançando-à porta do egregio conde, esperando ser convidado a entrar e participar do “champagne”.

O alto funcionario achou que si toda aquella gente entrasse e cahisse no “champagne”, elle no dia seguinte não encontraria nem gota do seu adorado e delicioso néctar para o “enterro dos ossos”, e como andava sempre armado de bengalão e era “homem para trez” investiu contra o “Bumba” e dispersou-o a pauladas.

Praticou então o que mais tarde fez o tempo, afugentando tudo isso que era o nosso encanto, e que passou como nós também vamos passando.

Entretanto, o que mais nos magôa, o que fêre a nossa sensibilidade delicada, é que toda essa simplicidade e singeleza antiga, tão sem malícia na sua alegria, foram deportadas pelo vicio desenfreado.

A dança do “bumba meu boi”, que para a igreja era um símbolo, foi substituído pelo tango – que é a alma do “cabaret”. Os doces e singelos versos do “Natal” e dos “Reis” foram trocados pelas cançonetes pornographicas, que têm entrada em toda a parte – até nos salões aristocráticos.

O meu amor pela tradição, protesta contra isto.

Si bem que doloroso, é natural que nós, que temos tan-

tos peccados, desapareçamos, mas que ao menos fiquem, se perpetuem as festas populares do passado, com a sua simplicidade e beleza.

Vem se aproximando a época em que ellas se realizavam.

Que possa esta chronica despertar no coração dos tradicionalistas o desejo de as reviver.

É um meio de remoçarmos o rever as festas que foram o encanto da nossa meninice, por que teremos a illusão de que ainda vivemos nos tempos de antanho – sem a neve que os annos espalharam sobre a nossa cabeça, nem as punhaladas que a dôr e o luto vibraram em nossos corações.

